

Já passei por essa

Cenatexto

Na última aula, você ficou conhecendo Estevão, um cinquentão que espera a aposentadoria; Mário, um jovem que espera trabalhar na Marcenaria Madeira de Lei; e Adriano, o esbaforido chefe que espera se refrescar um pouco na sua sala refrigerada. Como se vê, esperança é o que não falta na história.



- Pelo visto, vocês já se conheceram. Não é, Estevão? – pergunta Adriano.*
- Já bati um papo aqui com o garotão. Até contei pra ele que, quando nos conhecemos, você já tinha essa caneta bonitona que está aí no seu bolso.*
- Que é isso, Estevão? Nós nos conhecemos lá na casa do patrão, e eu não estava com esta caneta.*
- É, mas eu estava...*
- O homem não é mole, adora um trocadinho.*
- Mário, parece que você já entendeu quem é essa peça aí, não é?*
- Já, seu Adriano. Na hora até tomei um susto. Mas já sei que é um grande brincalhão.*
- Todo mundo vai sentir falta dessa grande figura. Ele é a alma da casa.*

Estevão disfarça, mas gosta do comentário. Ele sabe que a aposentadoria vai ter alguns aspectos desagradáveis, pois aquela convivência se tornou muito importante.

- Então, Adriano, estou aposentado? - pergunta Estêvão, ansioso.

- Sim, o aviso de concessão de benefícios já chegou. O ofício está aqui. Você, a partir de hoje, é um boa-vida. No bom sentido, é claro!

- Só fala mal deste boa-vida quem tem inveja.

- Esse Estêvão... Mas, antes de cair na vadiagem, temos duas tarefas pra você: a primeira é apresentar o Mário pra sua nova patota, mostrar-lhe o campo de batalha; a segunda é preparar o fígado, porque, depois do apito final, vamos tomar umas e outras pra bebemorar nosso primeiro desocupado. Até o chefão vai aparecer por lá. E quanto a você, Mário, está tudo certo. Um sai, o outro entra. Você, Estêvão, é um exemplo pra turma.

- Pois olha, deixando a modéstia de lado, sou mesmo. Não me canso de falar que entrei aqui há mais de trinta anos com uma mão na frente e outra atrás, sem ter nada. Agora, estou saindo com o dobro do que tinha.

- Deixa de ser palhaço, Estêvão. Vai mostrar o serviço pro rapaz.

Como sempre, Estêvão vai deixando atrás de si aquele rastro de alegria. Assim, caminha com Mário até a oficina de marcenaria, um imenso galpão com quase cem trabalhadores. Estêvão vai mostrando as máquinas e apresentando o novo companheiro:

- Olha aqui, Pedrão, o garoto que vai entrar no meu lugar.

- Ah, esse é o tal. Prazer, rapaz. Você vai gostar. Fique à vontade que aqui todos são irmãos.

Estêvão continua mostrando o local de trabalho a Mário:

- Vou te mostrar aquele torno moderníssimo. Ali está também o Geninho, gente muito boa. Veio de longe para operar a máquina.

A um aceno de mão, Geninho chega.

- Geninho, mostra como funciona essa geringonça. Este é o Mário, que vai entrar aqui pra trabalhar nessa máquina com você.

- Prazer, Mário. Você vai adorar este torno. A gente programa a máquina, põe a madeira, liga um botão e a peça sai toda trabalhada lá na frente. Você, recém-saído da escola, vai vibrar. Quando Estêvão quer fazer uma plástica, eu enfio a cara dele aqui e ela sai do lado de lá bonitinha.

- Cara de pau é a mãe, seu cretino. Você é que usa óleo de peroba pro seu focinho não dar cupim!

Oriso é geral. Estêvão deixa os dois conversando e vai receber o abraço de outros companheiros.

- Pois é, seu Estêvão, como vai conseguir ficar longe do serviço depois de tanto tempo?

- E agora, sem ter nada pra fazer, como vai justificar a falta aos compromissos?

- O trabalho dignifica, Estêvão! Vais perder a dignidade!

- Conversa. O que dignifica é o lazer; o trabalho danifica. Vou evitar até ver gente trabalhando. Agora eu quero moleza. Como disse aquele poeta: "Pernas pro ar, que ninguém é de ferro!"

- E o gole hoje, tá com o figueiredo preparado?

Estêvão não deixa passar:

- Aí tá o fraco da coisa. O problema é o fígado. Fígado faz um mal danado pra bebida.

A turma cai na gargalhada. Agora ele baixou na praia deles. Vai fazer muita falta esse coroa. Ah, se vai!

Dicionário

Mário logo percebeu que Estêvão era um sujeito brincalhão. Sua especialidade era brincar com as palavras. Gostava muito de fazer *trocadilhos*. Consulte nosso dicionário e veja o que isso significa:

trocadilho. *s. m.* **1.** Jogo de palavras parecidas no som e diferentes no significado, e que dão margem a equívocos. **2.** Emprego de expressão ambígua.

1. Na aula anterior, um dos trocadilhos de Estêvão foi a frase: “*O problema do menor é dos maiores*”. Releia a Cematexto e identifique outro trocadilho de Estêvão. Em seguida, explique-o.

.....
.....
.....
.....
.....
.....

Observe a palavra em destaque nesta frase: “*Como sempre, Estêvão vai deixando atrás de si aquele **rastro** de alegria.*” Também registrada como *rasto*, veja como seus significados estão expressos no dicionário:

rastro (ou *rasto*). *s. m.* **1.** Vestígio que deixa o animal no lugar por onde passa. **2.** Sinal; pista; pegada; indício. **3.** Tipo de ancinho de ferro.

2. Em que sentido a palavra *rastro* foi usada na Cematexto?

.....
.....

Adriano disse para Estêvão que iriam “bebemorar” o primeiro aposentado da empresa. Você conhece essa palavra? Será que ela existe? De fato, ela não consta nos dicionários, mas é formada pela união de algumas outras. Veja:

Bememorar é uma palavra formada pela união de duas outras (*beber* + *comemorar*) e significa comemorar bebendo.

Entretanto, não pense que *comemorar* vem de *comer*. Comemorar não é a mesma coisa que *comemorar comendo*. Comemorar é o mesmo que festejar, celebrar uma festa. Guimarães Rosa, o grande escritor mineiro, criou uma palavra que tem um significado parecido com esse. Ele disse que as pessoas amigas costumam “*combeber*”, ou seja, *beber juntas*, *beber umas com as outras* (com + beber = combeber), da mesma maneira que é formada a palavra *conviver*.

3. Na Cenatexto da aula 66, Mário não sabia onde *enfiar a cara* de vergonha. Nesta aula, Geninho diz que *enfia a cara de Estêvão no torno pra fazer uma plástica*. Explique a diferença do uso do verbo **enfiar** nesses dois casos.

.....

.....

.....

4. Na brincadeira entre os amigos de Estêvão, alguém disse: “E o gole hoje, tá com o **figueiredo** preparado?” Você conhece a palavra destacada? Procure no dicionário o seu significado e explique-o.

.....

.....

.....



1. Ao falar da caneta, no início da Cenatexto, Estêvão fez um jogo de palavras que podia ter vários significados. Explique como você entendeu a brincadeira.
2. Num determinado trecho, ironicamente, Estêvão diz que era um exemplo para os colegas. Encontre essa passagem e diga que ironia ele estava fazendo com o patrão.
3. O que Geninho queria dizer ao afirmar que o torno servia até para fazer plástica em Estêvão? Qual foi a reação de Estêvão ao ouvir isso?
4. Ao falar sobre o estado de seu fígado, Estêvão diz uma frase com alguns termos trocados. Indique que frase é essa e como deveria ser dita de modo sério.
5. Num determinado momento, houve uma brincadeira interessante entre Estêvão e seus amigos. Veja:
 “-O trabalho dignifica, Estêvão! Vais perder a dignidade!”
 “-Conversa. O que dignifica é o lazer; o trabalho danifica.”
 De acordo com a situação dada na Cenatexto, explique o que cada um estava querendo dizer.

Entendimento



Na Cenatexto Geninho diz ao Mário que vai ensiná-lo a operar o torno por meio de programação. Futuramente, Mário também passará o que aprendeu para outros funcionários. No entanto, passará apenas informações a serem aproveitadas em meios mais avançados de trabalho.

Desde o início das civilizações, o homem tem trocado experiências com outros homens. Aprendendo e ensinando um ao outro, falando, escrevendo, desenhando e, enfim, desenvolvendo cada vez mais os meios para transmissão de seu progresso.

Uma teoria, chamada *Teoria do Evolucionismo*, diz que anteriormente o homem foi como o macaco, chegando até a subir em árvores. Segundo essa teoria, o homem desceu das árvores e começou a andar todo encurvado até chegar na posição em que hoje se encontra.

Acompanhar a evolução e incorporar mudanças não é um processo fácil. Muitas vezes, torna-se difícil perceber que as coisas podem ser feitas de um modo mais simples.

O conto escrito por Monteiro Lobato retrata muito bem esse caso. Veja:

A enxada e o parafuso

Cada terra com seu uso. O nosso teatrinho sempre usou campainha para as chamadas. Campainha é eufemismo. Havia lá dentro uma enxada velha, pendurada de um arame, com um parafuso de cama, cabeçudo, ao lado. Os sinais para indicar o início de uma peça teatral eram batidos ali.

Veio um mambembe pernóstico e calou a enxada, substituindo os seus sons por três pancadas no assoalho.

No primeiro dia o povo da platéia entreolhou-se ao ouvir aquilo, e lá do poleiro houve risadas e assobios. O delegado resolveu intervir.

- Este mambembe parece que está mangando conosco!

Explicações. O empresário provou que aquele sistema era a última moda de Paris. Os espectadores remexeram-se, desconfiados.

Estavam nessa indecisão quando o Major dirimiu a pendenga com o peso de sua autoridade.

- Mas isto aqui não é Paris!...

- Bravos! Bravos!

E a velha enxada sonora voltou a ser tangida com o parafuso de cabeça.



Fonte: Monteiro Lobato, ***Cidades mortas***. São Paulo, Brasiliense, 9a. edição, 1959, págs. 22-23.

Monteiro Lobato nasceu em Taubaté, no estado de São Paulo. Considerado um de nossos maiores autores da literatura infantil, é o criador do famoso ***Sítio do Pica-pau Amarelo***. Também escreveu para adultos, sendo muito importantes suas campanhas patrióticas em favor do nosso minério e do nosso petróleo. Um de seus personagens mais conhecidos é Jeca Tatu, símbolo de nosso homem do campo.